

# LÍNGUA/CULTURA COMO FATOR DE PERTENCIMENTO IDENTITÁRIO<sup>1</sup>

Por ELIANE Kreutz Rosa<sup>2</sup>; CIRO Damke<sup>3</sup> e CLARICE Nadir von Borstel<sup>4</sup>

## INTRODUÇÃO

Considerar o Brasil como um país monolíngue, onde “[...] a ideologia da ‘língua única’, desde os tempos coloniais, tem camuflado a realidade plurilíngue do país” (CALVET, 2007, p. 7) é ir contra a nossa realidade uma vez que existe um número considerável de variedades linguísticas no território brasileiro. Segundo Napolitano (2005, p. 7), falando de cultura em geral, mas o que vale também especificamente para a língua, diz que o Brasil “[...] é lugar de mediações, fusões, encontro de diversas etnias, classes e regiões que formam o nosso grande mosaico nacional”.

Sobre a diversidade linguística e cultural existente no Brasil, Damke (2008, p. 3) diz que “[...] não basta reconhecer o pluralismo étnico, lingüístico e cultural, é necessário que se adote uma política lingüística adequada a este contexto”. Assim, ainda que seja notória a diversidade linguística e cultural, uma vez que, conforme Savedra (2003, p. 40) “[...] a Constituição atual em seus artigos 215 e 216 admite que o Brasil é um país pluricultural e multilíngue, b) no Brasil coexiste um grande número de línguas de imigrantes” falta, de acordo com Damke (2008, p.4) a “[...] necessidade de uma definição de uma política lingüística para o Brasil que inclua as situações de bilinguismo decorrentes de movimentos migratórios e situações de fronteira”. O referido autor (Ibidem) ainda afirma que:

Não pode haver dúvidas, portanto, com base num regime democrático e no ritmo da globalização cada vez mais acentuado, que a coexistência pacífica de línguas e culturas diferentes, num mesmo contexto político, deve ser vista como algo perfeitamente normal, e possível (DAMKE, 2008, p. 4).

O mito de que no Brasil só se fala português, abordado por Bagno (1999) e também por Cavalcanti (1999) ainda está muito presente no imaginário das pessoas, porém, aquém da realidade brasileira. Cavalcanti (1999) afirma que

---

<sup>1</sup> Texto apresentado na 14ª Jornada Regional e 4ª Nacional de Estudos Linguísticos e Literários - Campus da UNIOESTE - Marechal Cândido Rondon - Paraná

<sup>2</sup> Mestre do Programa de Mestrado em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE - Cascavel - PR. elianekroitz@hotmail.com

<sup>3</sup> Doutorado pela Ruprecht-Karls Universität Heidelberg - Alemanha e Professor do Curso de Letras da UNIOESTE - Campus de Mal. Cândido Rondon - PR e do Programa de Mestrado e Doutorado Linguagem e Sociedade - UNIOESTE - Cascavel - PR.

<sup>4</sup> Doutorado pela Universidade Federal de Rio de Janeiro e Professora do Curso de Letras da UNIOESTE - Campus de Mal. Cândido Rondon - PR e do Programa de Mestrado e Doutorado Linguagem e Sociedade - UNIOESTE - Cascavel - PR

[...] existe um mito de monolingüismo no país [...] esse mito é eficaz para apagar as minorias, isto é, as nações indígenas, *as comunidades imigrantes* e, por extensão, as maiorias tratadas como minorias, ou seja, as comunidades falantes de variedades desprestigiadas do português (CAVALCANTI, 1999, p. 387, grifo nosso).

Tomando como referência as citações dos autores acima, sobre a visão equivocada de uma língua hegemônica e homogênea no Brasil em detrimento às línguas minoritárias e variedades não padrão, objetiva-se neste artigo, fazer algumas considerações a respeito da língua/cultura como fator de pertencimento identitário dos falantes da língua alemã da comunidade de Missal,Paraná.

Para tanto, apresenta-se primeiramente um breve panorama da história dos imigrantes alemães no Brasil, na sequência, aborda-se a temática *identidade*, a partir da perspectiva dos Estudos Culturais, que aponta a identidade como uma identidade fragmentada, diluída e modificada decorrente das mudanças e transformações globais. A seguir, serão feitas algumas considerações sobre língua/cultura como fator de pertencimento identitário entre falantes de alemão da cidade de Missal,Paraná.

## **OS IMIGRANTES ALEMÃES: UM BREVE PANORAMA**

Os seres humanos, assim como com as espécies animais, se movem na superfície terrestre em movimentos (individuais ou coletivos) que se denominam (i)migrações.

O que difere os seres humanos das espécies animais é que para estes últimos os motivos das (i)migrações são instintivas (motivadas pelo instinto de conservação ou sobrevivência da espécie; o instinto de reprodução e/ou de adaptação ao meio) enquanto que as (i)migrações dos seres humanos obedecem a uma decisão racional mais ou menos livre (ou mais ou menos forçada) na qual o instinto, ainda que também tenha sua importância ocupa um lugar secundário.

Alguns autores, como Porto (1934), Grothe (1936), Oberacker (1955), Roche (1969), Fouquet (1974), Willems (1980), Jochem (1997), Damke, (1997) apontam que o êxodo dos alemães e sua imigração para o Brasil deve-se ao fato de que a Alemanha, no século XIX, passava por períodos de instabilidade o que levou estes imigrantes a buscarem no Brasil uma nova perspectiva de vida. Esta instabilidade econômica aliada à propaganda dos agentes enviados pelo governo brasileiro levou muitos imigrantes, entre camponeses e cidadãos a imigrarem para o Brasil em busca de nova perspectiva de vida e de trabalho.

A propaganda que se fazia era atrativa face às terras devolutas que precisavam ser ocupadas. Segundo Willems (1980) “[...] nas regiões do sul e sudeste da Alemanha ‘depois de cada colheita má [...]’ a fome forçava milhares de sítiantes alemães a emigrarem, tornando-se presas frágeis de agentes estrangeiros” (WILLEMS, 1980, p. 33).

Assim, a Alemanha, afetada pela crise econômica foi palco, num primeiro momento, de migrações internas - do campo para as cidades - e depois palco de imigrações para o exterior. Estas imigrações para o exterior coincidem com a política de ocupação de terras brasileiras, até então ocupadas quase que exclusivamente por portugueses, promovida pela chegada do príncipe Regente Dom João. De acordo com Willems (1980)

[...] em 1808, um edital do Príncipe Regente concedeu aos estrangeiros o direito, até então reservado aos portugueses, de receberem terras estatais – as chamadas sesmarias. Assim, muitos se fizeram agricultores – servindo-se desta oportunidade oferecida pelo Governo – entre eles os alemães (WILLEMS, 1980, p. 57).

Os imigrantes alemães chegaram ao Brasil com a expectativa de construir uma nova vida e, repletos de esperanças, deixaram para trás familiares, aldeias ou comunidades inteiras em busca de terras e de uma nova pátria. Em sua terra natal, as terras eram, segundo Jochem (1997, p. 54), passadas de geração em geração. Ao contrário do que acontecia na terra natal, no Brasil as terras eram um bem disponível para transação e ocupação. Nas colônias recém-criadas as chances de prosperidade eram maiores, ainda que em meio aos desafios vindouros.

Ainda de acordo com Jochem (1997, p. 58) em 1820, o governo “[...] acha por bem estabelecer colônias no reino do Brasil, concedendo terras, por doação, aos imigrantes”, porém, têm-se como marco inicial da imigração alemã no Brasil o ano de 1824.

Damke (2008, p. 6) diz que “[...] mesmo que já houvesse a presença de alemães no Brasil muito antes desta data, o ano de 1824, [...] é reconhecido, oficialmente, como o início da imigração alemã para o Brasil”. Também Seyferth (1994, p. 12), ao abordar a mesma temática diz que é o ano de 1824 que marca oficialmente o início da imigração alemã no Brasil. Segundo a autora utiliza-se como “[...] marco inicial a data de fundação de São Leopoldo – 25 de julho de 1824 –, a primeira ‘colônia alemã’ do sul do Brasil”.

O objetivo do governo brasileiro ao conceder terras e algumas concessões aos imigrantes o fez no intuito de, como já citado anteriormente, fomentar as atividades produtivas na agricultura no interior do país e povoar as extensas terras na região Sul do Brasil.

Os imigrantes, ao chegarem às terras brasileiras, tiveram que se adaptar ao clima, as condições de vida rudimentares e ao idioma. Assim que chegaram foram alocados em regiões distantes de outras colônias ou aglomerações urbanas, ou seja, ficaram isolados geograficamente o que foi um dos motivos que, de maneira bastante expressiva a língua de seu país de origem se conservasse.

A língua falada pela maioria dos imigrantes era o alemão em sua variedade dialetal, trazida da Alemanha, chamada *Hunsrückisch*, uma vez que os primeiros imigrantes vieram, em grande maioria, da região do *Hunsrück*. Vale destacar que não era somente desta região que vieram os primeiros imigrantes, mas também

[...] das mais variadas regiões da Alemanha e de outros países onde se falava o alemão [...] no entanto a maioria dos autores, como Grothe (1936, p. 48) afirmam que o imigrante provindo da região do *Hunsrück* predominou sobre os demais e, por isso, seu dialeto teria predominado sobre as outras variedades (DAMKE, 2010, p. 119).

Não há estatísticas precisas sobre o número de pessoas que consideram o *Hunsrückisch* como sua língua materna nem dados que comprovem ou que mensurem em que grau de inteligibilidade os falantes se comunicam. Vale destacar que hoje, diferente dos tempos iniciais da imigração alemã, a maioria dos falantes do *Hunsrückisch* são também falantes do português, e

devido a isso, em muitos casos o *Hunsrückisch* fica reservado a utilização na esfera familiar ou resumido a comunidades mais ou menos fechadas étnica e culturalmente.

É deste contato entre o alemão e o português que surgiu, segundo Heye (1979), Damke (1997) e von Borstel (2011) a mescla linguística chamada *Brasildeutsch*.

A maioria dos brasileiros descendentes de alemães carregam, até o momento presente, alguns traços da língua/cultura de seus antepassados. Apesar de passados quase 200 anos da imigração alemã no Brasil, ainda hoje a língua de seus antepassados, considerada como língua de herança, é falada em várias regiões do Brasil, como por exemplo, em Missal.

O autor Roche divide a imigração alemã em 4 fases. Damke, baseado no autor, define a 4ª fase, que é a que mantém relação direta com a fundação e colonização de Missal, da seguinte forma:

1ª fase: de 1824 a 1850: a expansão da colônia nas imediações de São Leopoldo (DAMKE, 1997, p. 31).

2ª fase: de 1850 a 1890: a chamada *marcha para o oeste* da província, quando foram fundadas, entre outras, as seguintes colônias (hoje municípios): Nova Petrópolis, Santa Cruz do Sul, Estrela, Lajeado, Caí, Montenegro. Novo Hamburgo, Venâncio Aires, Arroio do Meio, as quais representam as *Colônias Velhas* (DAMKE, 1997, p. 31, destaques do autor).

3ª fase: de 1890 a 1914: o assim chamado *salto para o Planalto*, quando, entre outros, foram fundados os seguintes municípios: Ijuí, Carazinho, Panambi, (inicialmente *Neu Württemberg*), Erechim, Três Passos, São Luiz Gonzaga, Santo Ângelo, Santa Rosa, Cerro Largo [...] etc, os quais formam as *Colônias Novas* (DAMKE, 1997, p. 31, destaques do autor).

4ª fase: a partir de 1914: o *êxodo do Rio Grande do Sul* para os Estados de Santa Catarina e Paraná. Esta fase é denominada pelo autor de *febre do Paraná* e foi vista como uma verdadeira catástrofe sócio-econômica para as *Colônias Velhas* (DAMKE, 1997, p. 31, destaques do autor).

Sobre a história de Missal Lunkes (2005) diz que esta tem origem nos anos de 1960 quando agricultores, oriundos dos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, instalaram-se na região atraídos pelos preços vantajosos e das terras planas. Unser (2006, p. 19) a respeito da colonização de Missal diz que a “[...] a maioria dos primeiros desbravadores eram descendentes de imigrantes alemães [...] e o marco inicial da colonização se deu em 25 de julho de 1963.”

O início da colonização da *Gleba dos Bispos*, onde se situava o que seria a chamada *Cidade Missal*, ocorreu por volta da década de 1960. As Dioceses de Jacarezinho, Foz do Iguaçu e Palmas contrataram a firma Sipal Colonizadora – Sociedade de Incremento a Propriedade Agrícola – como empresa responsável pela venda dos lotes e formação da cidade. A empresa contou, em seu quadro societário, com a presença do Padre José Pascoalino Backes. De acordo com Klauck (2004, p. 21) o referido padre “[...] se incumbiu de ‘colonizar racionalmente’ estas terras e

introduzir benfeitorias, adotando o regime de pequena propriedade agrícola”. Vale destacar que a condição de ser católico era determinante para que estes colonizadores pudessem fixar residência na *Gleba dos Bispos*.

Em resumo, assim como em outros movimentos migratórios, os descendentes de imigrantes alemães chegaram ao Brasil e posteriormente em Missal e construíram uma nova identidade na pátria que os acolheu.

## IDENTIDADE: (RE)VENDO ALGUNS CONCEITOS

Um tema em voga nos últimos tempos tem sido o da *identidade* e esta discussão surge, de acordo com Woodward (2008, p. 4), uma vez que as “[...] mudanças nas estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo colocam em relevo as questões da identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas” o que faz com que a identidade do ser humano entre em conflito, consigo mesmo e com o *outro*, devido as constantes transformações pela qual passa a sociedade.

A partir da perspectiva dos Estudos Culturais, a identidade, segundo Hall, Silva e Woodward (2008) não mais se apresenta como pronta e acabada, e sim definida como fragmentada, não fixa, mas contínua transformação e alicerçada na diferença para com o outro.

Moita Lopes, a respeito das identidades fragmentadas diz que:

As identidades sociais têm sido descritas como fragmentadas, portanto, complexas, no sentido de que não são homogêneas. [...] Dependendo das relações de poder existentes exercidas em práticas sociais particulares, o mesmo indivíduo pode estar posicionado em identidades sociais contraditórias. [...] Elas estão sempre sendo construídas ou reconstruídas através dos esforços de construção de significado nos quais nos engajamos (MOITA LOPES, 2002, p. 138-139).

A globalização e o conseqüente intercâmbio de pessoas e encurtamento de fronteiras são, em parte, responsáveis por esta constante transformação das identidades em novas identidades, as chamadas *identidades híbridas*, no dizer de Hall (2006).

A construção da identidade, portanto, com base nas afirmações acima, não é algo pronto e acabado, que surge da noite para o dia, nem algo que vem unicamente do berço e das relações familiares (DAMKE, 1998) resultantes apenas de seu próprio eu, e sim construída e modificada constantemente por fatores étnicos, religiosos, políticos, culturais ou sociais, fatores estes que fazem parte da história do ser humano e de sua relação com o outro.

Segundo Bortoni-Ricardo (2005, p. 71) “cada enunciado é para o falante um ato de identidade” e ao expressar um enunciado o falante demonstra um sentimento de identidade que lhe é individual, mas ao mesmo tempo coletivo, pois a identidade é formada também pela convivência e pelo sentimento de pertencimento para com a comunidade ou grupo a qual este indivíduo está inserido.

Rajagopalan em relação à identidade e sua construção, diz que:

A identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior ou fora da língua. Além disso, a construção da identidade de um indivíduo na língua e através dela depende do fato de a própria língua em si ser uma atividade em evolução e vice-versa. Em outras palavras, as identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas. Isso por sua vez significa que as identidades estão sempre num estado de fluxo (RAJAGOPALAN, 1998, p. 41-42).

As identidades, ao passarem por este estado de *fluxo*, se transformam constante e ininterruptamente pela própria e natural transformação da sociedade e do cotidiano. Segundo Baumann (2001) a modernidade fragmenta e dilui o que antes era fixo e estável, assim, saindo de um estado sólido para um estado de identidades líquidas, maleáveis e mutáveis o falante adquire, ao longo de sua vida, na pós-modernidade, várias identidades. Essas várias identidades, presentes nas várias esferas sociais, se fazem presentes no cotidiano e o ser humano assume identidades diferentes, de acordo com a situação, o momento e de acordo com a esfera social em que está inserido.

Estas diferentes identidades, quer pessoal ou profissional, entram então em conflito com a identidade individual e a identidade coletiva o que leva o ser humano a este constante estado de fluxo, no dizer de Rajagopalan (1998).

Ainda que pertencentes à mesma comunidade ou grupo, aceitar o outro, com sua cultura e identidades diferentes é, por vezes, um processo que requer reflexão e aceitação da própria identidade frente à aceitação da identidade do outro. Esse repensar a própria identidade vem, em parte, da constante miscigenação étnica e cultural e da acelerada transformação global, pois, diferentes identidades se cruzam e se entrecruzam num ritmo tão acelerado que, muitas vezes, leva a uma crise da própria identidade, ou seja, já não se sabe mais “quem sou e o que eu sou”.

Segundo Hall:

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2006, p. 7).

Ainda segundo este autor, “[...] as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; [...] as identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação” (HALL, 2008, p. 108).

Retomando o que diz Woodward (2008) é válido apontar que, com as “crises de identidade”, oriundas do acelerado processo de mudanças e transformações globais alguns indivíduos procuram manter entre si “identidades lacradas”, ou seja, quando da possibilidade de uma “outra” identidade acercar-se da sua, atitudes de manutenção de identidades nacionais ou étnicas são expostas o que culmina, por vezes, na não aceitação, parcial ou total, da língua e da cultura do outro. Essa atitude de manter a sua identidade individual entra, então, em conflito com

a identidade coletiva uma vez que o ser humano faz parte, face à globalização e modernização, tanto de uma pequena comunidade quanto da grande aldeia global.

O Brasil, pela sua proporção e localização limítrofe com países de língua espanhola, especificamente na Tríplice Fronteira, na fronteira com o Paraguai e a Argentina, apresenta expressiva pluralidade e multiculturalismo e as identidades presentes neste contexto destacam-se pela diferença e pelas “identidades em movimento” (MELIÁ, 2006). Ao abordar identidade o autor diz que:

La identidad no es sólo la búsqueda de las raíces; tampoco la permanencia en un modo de ser. Hay una identidad en movimiento, en la cual nadie pierde su rostro, pero es capaz de decir una palabra diferente, en vista a la construcción de algo nuevo (MELIÁ, 2006, p. 6).

Para o autor (2006) a identidade está diretamente ligada à territorialidade e esta ligada à cultura, que, por conseguinte é comparada a uma teia de muitos significados que o homem cria e recria constantemente e neste sentido as identidades em movimento são o centro das preocupações culturais da atualidade (MELIÁ, 2006).

As diferenças são necessárias para que a identidade se produza, são interdependentes uma da outra. De acordo com Silva (2008, p.76-77) “[...] além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham uma característica importante: elas são o resultado de atos de criação lingüística”, assim, entende-se que é por meio de um processo lingüístico, mais especificamente pela linguagem, que a relação com o outro se constrói e se estabelece.

Enquanto sujeitos participantes de uma comunidade, envolvidos neste processo de aceleradas mudanças globais, novas relações interpessoais se criam sendo a linguagem a mais latente podendo-se afirmar que é “na” e “pela” linguagem que a interação com o outro se vivifica e se materializa, ainda que com diferenças. Essa relação com o outro se manifesta pelo uso de uma língua, e esta língua, ao ser usada pelos falantes, os aproxima e os identifica.

## **LÍNGUA/CULTURA: EXPRESSÃO IDENTITÁRIA**

A modernidade traz o encurtamento das fronteiras e oriundo deste encurtamento mais pessoas de diferentes culturas e etnias se aproximam o que gera, a princípio, um contexto sociolinguístico e cultural complexo. Num contexto assim encontra-se Missal, município localizado no extremo oeste do Paraná, a 85 km de Foz do Iguaçu. Reforça-se *sociolinguisticamente complexo* uma vez que Missal se localiza num contexto de diversidade lingüística e cultural pela proximidade com a Tríplice Fronteira, que compreende Brasil, Argentina e Paraguai, onde línguas e culturas diversas estão presentes, caracterizando assim uma diversidade étnico/lingüístico/cultural.

Retomando a citação de Rajagopalan (1998, p. 141-142) o autor diz que a identidade é construída na língua e através dela. Nesse sentido, concorda-se com o autor sobre o tema da construção da identidade pela língua, pois é isso que se verifica, baseado em dados coletados, sobre os falantes de Missal, cuja população é majoritariamente descendente de imigrantes

alemães e estes fazem uso da língua e cultura de seus antepassados como um fator de pertencimento identitário, ou seja, usam a língua alemã como fator de identificação e de pertencimento ao grupo social no qual estão inseridos.

Conforme aponta Damke (2008) “[...] o uso da língua alemã está em regressão (*Sprachverfall*), no entanto, se se olhar para os quase 200 anos desde a vinda dos primeiros imigrantes desta etnia, deve-se concordar que a conservação (*Spracherhalt*) desta língua e cultura é bem mais longa do que seria de se esperar” (DAMKE, 2008).

Ainda segundo o autor, a identidade não é trazida apenas do berço, mas também construída e modificada pelas relações sociais, assim, entende-se que o contexto e a descendência são elementos que influenciam na construção e na formação da identidade do ser humano.

A identidade alemã, tanto individual quanto coletiva, se materializa por meio de características representativas da língua e cultura de seus antepassados. Esta identidade é expressa quando o falante recorre a expressões ou cultura que os diferencia de outros.

Geertz (2008) a respeito da cultura diz que:

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície (GEERTZ, 2008, p. 4).

Na mesma temática, apoiamo-nos em Meliá (2010) que conceitua cultura como um conjunto de hábitos, crenças e atitudes. Para o autor a cultura é a “pele” que habitamos e estamos envolvidos nesta “pele” que é fina, sensível e transparente na qual sentimos as sensações. É a “pele” que habitamos que nos delimita enquanto indivíduos e que nos faz ser diferentes (Palestra Aula Magna Mestrado Ciências Sociais- Unioeste/Toledo, 2010).

Entende-se assim a cultura como um conjunto de atitudes usadas por determinadas pessoas ou grupos sociais. Essa cultura é representada nas diversas manifestações como, por exemplo, os encontros de famílias de descendentes alemães, as festas típicas, os jantares típicos ou outros eventos onde a gastronomia alemã é destaque ou ainda em outros eventos onde a língua e cultura alemãs estão presentes. Exemplo a ser citado aqui é o caso da *Deutsches Fest*, festa típica alemã, que ocorre a cada ano na cidade de Missal. Nesta festa há a presença do elemento étnico, representado no uso da língua/cultura através das músicas, trajes e comidas típicas sendo estes elementos considerados como fatores de reconhecimento e pertencimento identitário e cultural mesmo que haja um processo de hibridização linguística, cultural e socioletal na comunidade.

Concordamos com Kreutz (1999) quando o autor diz que a identidade do ser humano está representada no elemento étnico, e neste caso, o elemento étnico se materializa “pela” e “na” língua e cultura alemã. A esse respeito, o autor diz que “[...] o étnico é elemento de diferenciação social, influi na percepção e na organização da vida social. Ele não se dá no abstrato. Manifesta-se nos símbolos, nas representações e na valorização de grupos.” (KREUTZ, 1999, p. 79-96).



Ainda que hoje a língua oficial – português – seja a mais falada entre os moradores de Missal, percebe-se que estes, ao fazerem uso da língua alemã, a língua da maioria dos moradores e considerada minoritária no contexto geral do Brasil o fazem com e por um sentimento de pertencimento e identificação para com o grupo, ou seja, usam a língua dos antepassados como algo que os une e os identifica como pertencentes ao mesmo grupo ou a mesma região, ou seja, a língua/cultura é para os falantes do alemão um fator de integração.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como afirmamos, os moradores de Missal ao longo do tempo e em meio a outras culturas e etnias presentes mantêm muitas de suas características de origem ainda em meio aos costumes e tradições de outros grupos étnicos presentes no contexto da diversidade linguística e cultural da região oeste do Paraná.

Os descendentes de imigrantes alemães, ao usarem, ainda hoje, a língua de seus antepassados e preservar (ou tentar preservar) características de sua cultura, o fazem por um sentimento de pertencimento para com a língua e cultura de herança do grupo étnico a qual fazem parte, e conforme relato dos próprios falantes, falam um “*alemão misturado*”, um alemão fruto da mescla linguística com o português: o *Brasildeutsch*.

Não perder a língua e cultura (a alemã) significa não perder as suas origens e o seu uso representa a expressão de sua identidade, o respeito para com as gerações passadas e a esperança da conservação linguística e cultural para as gerações futuras.

Ao finalizar este trabalho, deve-se reconhecer que a imigração alemã no Brasil trouxe fortes contribuições para o desenvolvimento econômico, político e social e nesse sentido, a valorização dos costumes, da língua e da cultura de um povo, quer alemão, quer brasileiro ou de qualquer outra etnia presentes no cenário mundial deve ser a de respeito para com a diversidade linguística, cultural e étnica, e assim, deve-se entender a identidade destas pessoas como um contínuo desconstruir e reconstruir em um presente que ainda está fortemente marcado pelos traços linguísticos e socioculturais do passado.

## REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico o que é como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris 1945. *Nós cheguemu na escola, e agora?* Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- CALVET, Jean-Louis. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- CALVET, Jean-Louis. *As políticas linguísticas*. Trad. Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen, Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial: IPOL, 2007
- CAVALCANTI, Marilda C. *Estudos sobre educação bilíngüe e escolarização em contextos de minorias lingüísticas no Brasil*. DELTA Volume especial, vol.15, 385 - 447, 1999.

- DAMKE, Ciro. *Sprachgebrauch und Sprachkontakt in der deutschen Sprachinseln in Südbrasilien*. Frankfurt: Lang, 1997.
- DAMKE, Ciro. Variação lingüística e a construção do sujeito. In. *JELL Jornada de estudos Lingüístico e Literários*. Marechal Cândido Rondon-PR. 1998.
- DAMKE, Ciro. *Políticas linguísticas e a conservação da língua alemã no Brasil*. Espéculo. Revista de estudios literarios. Universidad Complutense de Madrid, 2008. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero40/polingbr.html>>. Acesso em: 05 jun 2011.
- DAMKE, Ciro. Variação linguística: o caso do Hunsrückisch. In. *JELL Jornada de Estudos Lingüísticos e Literários*. Marechal Cândido Rondon-PR: Gráfica da Unioeste, 2010.
- FOUQUET, Carlos. *Der deutsche Einwanderer und seine Nachkommen in Brasilien: 1808 - 1824 - 1874*. São Paulo: Instituto Hans Staden; Porto Alegre: Federação dos Centros de Cultura 25 de Julho, 1974.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LCT, 2008.
- GROTHER, Hugo. *Im Kamp und Urwald Südbrasilien*. Berlin: Waisenhaus, 1936.
- HEYE, Jürgen. Sociolinguística. In: PAIS, C. T. et al. *Manual de linguística*. Petrópolis: Vozes, 1979, p. 203-237.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- JOCHM, Toni Vidal. *A epopéia de uma imigração* : resgate histórico da imigração, fundação da Colônia Santa Isabel e emancipação político-administrativo do município de Rancho Queimado. Águas Mornas - Ed. do Autor, 1997.
- KLAUCK, Samuel. *Gleba dos bispos: colonização no Oeste do Paraná - uma experiência católica de ação social*. Porto Alegre: EST, 2004.
- KREUTZ, Lúcio. *Identidade étnica e processo escolar*. Caderno de Pesquisa, nº 107, p. 9-96, julho/1999. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a03.pdf>. Acesso em 06 jun 2011.
- LUNKES, Gisela. *Missal: tem muito futuro neste passado*. Marechal Cândido Rondon: Germânica, 2005.
- MELIÁ, Bartolomeu. Identidad en movimiento sustituciones y transformaciones. In: *Simpósio Nacional de Ciências Humanas* (1.: 2006; Marechal Cândido Rondon - PR) Cascavel: Scussiatto, nº 1, p. 6 a 8, 2006.
- MOITA LOPES Luiz Paulo da. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.
- NAPOLITANO, Marcos. *História & Música: história cultural da música popular*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- OBRACKER, Jr., Karl H. *Der Deutsche Beitrag zum Aufbau der brasilianischen Nation*. São Paulo: Herder, 1955.
- PORTO, Aurélio. *Die deutsche Arbeit in Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Rotermund, 1934.

- RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de Identidade em lingüística: é chegada a hora de uma consideração radical? In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicada.*: São Paulo: Mercado de Letras, 1998.
- ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.
- SAVEDRA, Mônica M. G. Política Lingüística no Brasil e no Mercosul: o ensino de primeiras e segundas línguas em um bloco regional. In: *Palavra- PUC/Rio*. Volume Temático: Línguas em contato, n.11, p. 39-54, 2003.
- SAVEDRA, Mônica M. G. Bilinguismo e bilingualidade: uma nova proposta conceitual. In: SALGADO, Ana Claudia Peters; SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães (Orgs.). *Sociolingüística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato: uma homenagem ao professor Jürgen Heye*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009, p. 121-140.
- SEYFERTH, Giralda. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, Claudia. *Os alemães no sul do Brasil*. (Orgs.). Claudia Mauch e Naira Vasconcelos). Canoas: ULBRA, 1994.
- SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- UNSER, Otaviana Aparecida Baseggio. *Língua, cultura e identidade em contexto de línguas em contato no município de Missal*. Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Dissertação de Mestrado, 2006.
- VON BORSTEL, Clarice Nadir. *A linguagem sociocultural do Brasildeutsch*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011, 176 p.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008
- WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. 2. ed., il., ver. e ampl. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.